

Trabalho, infâncias e crianças no contexto narrativo campo-costeiro à luz da linguagem bakhtiniana

Ana Paula Vieira e Souza¹
Carmem Terezinha Baumgartner²

Resumo

Esta pesquisa é sobre as discursividades de crianças matriculadas em Escolas do entorno da Reserva Extrativista Marinha Taperaçú-Campo¹ no acesso do trabalho socialmente necessário e manifestação do trabalho infantil. O método do materialismo histórico-dialético e análise de discursividade do discurso com a participação de crianças de 07 a 11 anos. A área de estudo são Escolas de comunidades pesqueiras do Município de Bragança, Estado do Pará. Os resultados mostram a estreita relação de culturas infantis no brincar, em atividades de caráter educativo no espaço do manguezal. As crianças enunciam a valorização da Escola, do trabalho da pesca artesanal nas interações sociais e a presença do trabalho infantil como fenômeno social limitador do aprendizado escolar. Conclui-se que a linguagem é constituidora dos discursos de crianças e manifesta as experiências no trabalho da pesca artesanal e no acesso ao trabalho como princípio educativo. As infâncias assumem significações diferentes entre brincar e trabalho precoce na Amazônia bragantina.

Palavras-chave: Infâncias, Trabalho, Trabalho Infantil, Crianças.

Work, childhood and children in the field-coastal narrative context in the light of the Bakhtinian language

Abstract

This research It is about discursivities of children enrolled in schools near the Taperaçú-Campo Marine Extractive Reserve to access socially necessary work and manifest child labor. The method of historical-dialectical materialism and discourse discourse analysis and interactional approach with children between 7 and 11 years old. The study area is schools of fishing communities in the municipality of Bragança, State of Pará. The results show the close relation between children in playing, in educational activities in the mangrove area. Children state the value of the school, of the artisanal fishing work in social interactions and the presence of child labor as a social phenomenon that limits school learning. It is concluded that language constitutes the speeches of children and manifests the experiences in the work of artisanal fishing and educational work. Childhoods take on different meanings between playing and precocious work in the Bragantine Amazon.

Keywords: Labor, Child labor, Childhood, Children.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará e Pós-Doutora em Letras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Professora na Linha Políticas Públicas Educacionais pela Universidade Federal do Pará. Coordena a Linha do GEPTE Trabalho e Infâncias em Bragança-PA. Vice-Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros (NEAB/UFPA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3340-1866>. E-mail: paulladesa@gmail.com.

² Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina - UEL/PR. Docente do Curso de Letras, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras - Mestrado Profissional/PROFLETRAS, e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras/PPGL, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2608-2636>. E-mail: carmen.baumgartner@yahoo.com.br.

Introdução

As discursividades de crianças sobre o trabalho e infâncias em contextos escolares diferentes da Amazônia Bragantina, matriculadas no nível do Ensino Fundamental Anos Iniciais, de Escolas do campo-costeiro são analisadas à luz da teoria do círculo de Bakhtin² e do método do materialismo histórico-dialético.

Os resultados deste estudo são vinculados as ações da Linha Trabalho e Infâncias do Grupo de Estudos e Pesquisa Trabalho e Educação (GEPTE), alinhado ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia (PROCAD-AMAZÔNIA)³, que privilegia escutar crianças no tempo do brincar, na relação trabalho e educação e sobre as suas infâncias.

Em nossas pesquisas com crianças da Amazônia, os seus discursos assumem centralidade, pois são interlocutoras do seu mundo social, cultural e infantil.

A Amazônia bragantina é um território caracterizado por campos, praias, comunidades tradicionais pesqueiras e agrícolas, banhadas pelo oceano Atlântico. O Município de Bragança é um espaço da manifestação religiosa do Santo Preto da Irmandade de São Benedito e da festa da Marujada. É um lugar prenhe de redes de significações histórico-cultural entrelaçados por ideologias de classes e de particularidades de infâncias na realidade amazônica.

As crianças participam dos festejos de São Benedito e valorizam a cultura da dança das marujinhas e dos marujinhos. Para elas essa tradição cultural e religiosa de celebração afro-brasileira do Santo Preto, têm o sentido de festa, de emoção na dança, um tempo mágico, espetacular e envolvente para as infâncias bragantinas.

As infâncias são construções sócio-históricas, grupos geracionais, que se modificam com o tempo e a idade, conforme o entendimento de Leis de cada país.

No Brasil⁴, as infâncias são determinadas por ordenamentos jurídicos, pelo direito de proteção, reconhecimento de criança como cidadã e pela idade (0 a 12 anos). Ainda, são reconhecidas pelas suas vivências culturais e da valoração no mundo adulto de acordo com cada sociedade, pois a ideia de infância não é a mesma. A teoria da Linguagem e Antropologia Filosófica defendem pesquisar com crianças e não apenas sobre elas. Para isso, é preciso conhecê-las a fim de compreender como as infâncias se diferenciam e como são pensadas pelas crianças no contexto costeiro-pesqueiro.

A criança é ser social-histórico-cultural, é ativo, criativo e inventivo, cria culturas infantis pelo brincar e pelas suas experiências com o mundo adulto e com a natureza. As crianças têm muito a dizer dos seus modos de vida a partir do conhecimento da Escola e do Trabalho. Elas buscam subsistência em suas comunidades e aprendem com os adultos a necessidade de se enfrentar o trabalho na lógica capitalista, mas não alheio a ele.

Na essência da diversidade de infâncias existe a criança que brinca, estuda, se diverte, tem acesso ao lazer, moradia, se alimenta de forma digna (mínimo três refeições ao dia), direito à educação e direito de ser protegida, do contrário, existem crianças subsumidas ao Trabalho Infantil, como negação do direito a infância plena na exploração da força de crianças

As infâncias no contexto da Amazônia paraense se mostram pelas singularidades de diversos espaços, as moradoras da beira do rio, quilombola, urbana, do campo, do assentamento, do estuarino-costeiro, mangue, pesca e do extrativismo de caranguejo. É nesse cenário de crianças que tem-se a presença do trabalho infantil em oposição ao trabalho de princípio educativo.

O trabalho educativo é um modo de organização da vida social de crianças, deve ter o princípio criativo e formativo da prática social escolar, forma e conteúdo, organizador dos modos de vida no acesso das linguagens e das ciências como um todo. Nele, a Escola deve pautar teoria-prática visando a formação humanista articulado ao trabalho manual e intelectual e no acesso à cultura (música, dança, arte, esporte, lazer etc.).

A cultura com significados característicos da formação humana se traduz nos discursos de crianças como as culturas infantis no brincar, manifesta-se na ideia de como elas compreendem o mundo e a sua esfera social. A criança pela sua singularidade é única, portanto, ela não sabe menos ou nada entende, mas aprende de outra forma.

No contexto pesqueiro da Pontinha do Bacuriteua⁵ da Amazônia bragantina, as crianças estão inseridas na dinâmica da Comunidade, em um intenso processo de produção cultural, observam e constroem seus próprios utensílios de pesca. Elas valorizam os elementos naturais da pesca artesanal com o currículo escolar e reconhecem o trabalho dos pescadores como fonte de subsistência para as famílias.

Para tanto, indicamos inicialmente algumas linhas que, do nosso do ponto de vista, são fundamentais para o debate sobre pesquisas com crianças com a finalidade de que reflexões são necessárias sobre a concepção de infâncias da Amazônia bragantina. Nessa perspectiva,

subsidiar o método de abordagem interacional porque entendemos que é uma discussão que antecede a preparação da roda de conversa e dos painéis.

As pesquisas da Linha Trabalho e Infâncias são desenvolvidas pelo método de abordagem interacional realizado por Souza (2009; 2014; 2020) por meio de técnicas para pesquisar com crianças, dentre elas a observação participante, roda de conversa e atividade de painel (musical e do trabalho). Para a autora, é necessário considerar um referencial teórico-metodológico de base marxista, da linguagem do campo sociológico e antropológico a fim de privilegiar as falas de crianças e o princípio do brincar. O pesquisador deve considerar atividades criativas e lúdicas de acordo com as idades para despertar nas crianças o desejo de interagirem com a pesquisa. Ainda, é importante a seleção de registro das interações no âmbito pesquisado.

A pesquisa interacional com interlocução direta com crianças defende que é preciso observar o de se pesquisar com quem é pesquisado, porque deve permitir momentos dialógicos e utilização de metodologias que facilitem as interações sociais. Para isso, a observação participante, a roda de conversa e o painel de atividades (musical, do trabalho, desenho, imagens etc.) são técnicas favoráveis a geração de dados com crianças no seu contexto social por meio do registro de áudio, audiovisual, fotográfico. Além do uso da análise dialógica do discurso na constituição de enunciados discursivos com base na teoria do círculo de Bakhtin. Os registros são anotados em um diário de campo, uso de recursos tecnológicos (câmera digital, *smartphone*, gravador de áudio) e envolvimento dos membros do GEPTTE (bolsistas, mestrandos).

A observação participante no dizer de Souza (2009; 2014; 2020) permite aos pesquisadores se aproximarem de crianças com a intenção de estreitar as interações acerca do objeto estudado. Para a autora é uma técnica criadora e investigativa e deve permear o tempo da pesquisa de campo empírico, um lugar da descoberta e da produção de outros conhecimentos.

A roda de conversa é uma técnica com fundamentos teóricos no campo da Psicologia Social (SOUZA, 2014; 2020), privilegia o diálogo com os interlocutores da pesquisa e permite interação a respeito da temática pesquisada no contexto social. Na Linha Trabalho e Infâncias do GEPTTE, os temas centrais da roda de conversa são categorias como trabalho,

educação, trabalho como princípio educativo, trabalho infantil, escola, culturas infantis, brincar, infâncias e crianças articuladas a esfera-campo de moradia de crianças.

Este texto está organizado em seções. A seção 2 apresenta as discursividades de crianças sobre trabalho e infâncias do campo-pesqueiro em diálogo com a teoria de Bakhtin, da teoria marxista, histórico-crítica e das observações da pesquisa de campo empírico com crianças. Na terceira seção, apresenta-se a pesquisa a respeito do trabalho infantil e educação escolar no contexto do lixão, do costeiro-estuarino da Amazônia bragantina, a forma como as crianças manifestam a presença do trabalho precoce e o discurso ideológico no cotidiano da linguagem da esfera campo e do adulto. E, por último, a conclusão com destaque de características do trabalho infantil e de infâncias.

Trabalho e infâncias no contexto narrativo – à luz da filosofia da linguagem de Bakhtin

A construção de uma filosofia necessariamente marxista da linguagem tem como principal característica o reconhecimento latente de que a configuração do signo linguístico é extremamente determinada pela situação social e concreta. O signo ideológico e a natureza são conectados pela atividade humana (BAKHTIN, 2009). Todo processo de comunicação é detentor de certo caráter ideológico e polifônico e toda e qualquer enunciação existe em função de um diálogo. Bakhtin (2009) viu a língua sofrer influências do contexto social, da ideologia dominante e da luta de classes. Por isso, a língua é ao mesmo tempo produto e produtora de ideologias.

Na perspectiva do materialismo histórico dialético a categoria trabalho se constitui como condição principal da atividade humana (MARX, 2010). A linguagem tem sua origem no trabalho, uma vez que o homem no laboro precisou aprender a manusear a natureza, a transformá-la para a sua subsistência; teve necessidade de ensinar o outro para produzir bem útil para a sua existência. “Trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa, que rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa” por meio da linguagem (SAVIANI, 2007, p. 152). A linguagem se manifesta na discursividade como elemento constituinte das interações sociais e se estabelece na comunicação dialógica daqueles que a utilizam. A linguagem em qualquer campo de atuação, no dia a dia de crianças “está impregnada de relações dialógicas”, ou seja, tem que se transformar em discurso materializados nos enunciados, o de “ganhar autor e criador do enunciado” (BAKHTIN,

2003, p. 193). Nesse sentido, a polifonia é um texto dentro de outro texto, representado pelo autor como outras vozes, discursividades entrelaçadas em discursos de outrem, portanto os discursos de crianças da Amazônia bragantina são atravessados por muitas vozes na esfera cotidiana da pesca, do rio, do mar, do siri, do caranguejo, da escola, do adulto, do trabalho etc., outros textos estão presentes nas interações dialógicas.

A pesca artesanal emerge nos discursos de crianças como atividade permeada por saberes culturais construídos na Comunidade de forma geracional, é um saber socializados do adulto para a criança por meio da observação das práticas e dos diálogos entre mães, pais e filhos. As crianças enunciam o sentido da pesca artesanal pela voz do outro, a voz do pai, da mãe, a voz do adulto, todavia elas recriam outras formas de atuar na pesca. Desse modo, “é no ponto desse contato entre vozes-consciências que nasce e vive a ideia” (BAKHTIN, 2009, p. 86). Essas vozes se cruzam e entrecruzam formando uma grande teia discursiva, que chega às crianças pelo processo de interação da natureza e o meio social.

Indagou-se as crianças a respeito de como aprenderam a pescar?

[Luana, 11 anos]. Eu aprendi a pescar com o meu pai. Quando ele ia pescar, às vezes eu ia com ele, aí eu via como ele jogava a rede na maré, como ele lançava a linha na água. [...] daí também perguntava muito como era que pescava. [...] um dia que fui com ele no barco lá pro rancho, [...] no caminho [...], joguei a linha na água e um peixe físgou a linha, aí puxei e veio o peixe, [...] assim aprendi a pescar. (Criança, 5º ano, 2019).

[Adrielle, 09 anos]. Aprendi com o meu irmão, vendo-o pescar. Ele me ensinou a pescar peixe na linha, jogar o anzol com a isca. Depois me disse como era pra fazer, joguei pela primeira vez a linha na água, e aí eu pesquei. (Criança, 3º ano, 2019).

[João, 11 anos]. Aham! Não sei, mas acho que aprendi só! Eu nunca tinha pescado siri de linha, aí hoje fui à beira com os meninos, eles estavam pescando, aí pesquei siri pela primeira vez de linha, até peguei alguns siris. (Criança, 5º ano, 2019).

Para as crianças da Amazônia, a pesca artesanal não se constitui como uma obrigação, assume o sentido do divertimento, causa prazer, alegria e interação entre elas. Nessa intensa socialização de crianças com o Rio Caeté é revelado grande intimidade sociocultural que promove ricas e significativas experiências com a natureza. Os discursos de crianças revelam valores a respeito da pesca artesanal como tempo e espaço de brincar, do aprender e ensinar, de socializar e interagir com o outro, uma atividade produtora de culturas infantis. A linguagem corporal é expressa de várias formas desde a prática de remar à canoa no rio, ao

tomar banho no Rio Caeté, no mar da praia de Ajuruteua, no contato com os peixes, os instrumentos da pesca artesanal, como do imaginário do brincar no momento da pescaria.

Nesse sentido, a linguagem é dialógica “no ponto desse contato entre vozes-consciências que nasce e vive a ideia”, portanto, essas discursividades de crianças da Amazônia bragantina se cruzam e entrelaçam no contexto da pesca e da extração do caranguejo, elas formam a teia discursiva, que chega a elas pelo processo de interação no brincar e no trabalho infantil (BAKHTIN, 2009, p. 86). Os enunciados discursivos de crianças no contexto campo-costeiro são marcados pelas regularidades na sua relação com o discurso ideológico carregado de muitas vozes nas interações sociais entre brincar, brincadeiras e trabalho infantil (SOUZA, 2014).

Na esfera do campo-costeiro da Amazônia bragantina as crianças estabelecem com o ambiente natural de manguezais uma relação auto criativa por meio de instrumentos específicos confeccionados para a pesca artesanal landruá⁶, musuá⁷ e outros objetos canoas, redes de pesca confeccionados pelos próprios pescadores e pelas crianças na produção do seu sustento, portanto, elas transformam a natureza em benefício próprio e criam condições de existência. A pesca artesanal é assumida nas discursividades de crianças como trabalho educativo, transformam as suas habilidades físicas e mentais em saberes culturais e recriam os utensílios da atividade pesqueiras como o anzol.

O acesso às práticas da pesca artesanal assume no discurso de crianças um caráter educativo reconhecendo a natureza social do trabalho pesqueiro na subsistência da Comunidade. Isso colabora para que as crianças estruturem a auto-organização da vida social, a auto-gestão de suas ações no contexto da pesca e as suas próprias experiências com o mundo social (PISTRAK, 2011).

Assim, perguntamos às crianças como é selecionado os instrumentos utilizados na pesca artesanal e o local da pescaria?

[Samuel]. [...] a gente primeiro vê se tem isca, porque sem isca não dá para pescar [...]. Depois escolhe o lugar, pode ser aqui na beira da maré, ou no espaço da empresa da pesca. Se a gente for pescar peixe, a agente leva as linhas, se for siri a gente leva o landruá.

Na esfera do cotidiano da pesca artesanal, as discursividades de crianças revelam intimidade com o mangue, praia, mar, rio e interagem com animais, ainda observam as formas

de vida no campo-costeiro a respeito dos tipos de peixes pescados e o modo de consumo, que é para sustento próprio. Estes são ressignificados por elas como prática da pesca artesanal ao valorizar o trabalho dos adultos como modo de subsistência da Comunidade e as “[...] formas culturais de ação que transformam sua maneira de se expressar, pensar, agir e sentir” (OLIVEIRA, 2011, p. 130).

As crianças quando indagadas sobre o trabalho na pesca artesanal, revelam que constroem culturas de valorização do trabalho do adulto, que destoa da lógica capitalista.

[Luana, 11 anos]. Meu pai é pescador, o trabalho dele é muito importante pra mim e pra toda a minha família. A pesca é a nossa vida porque é de lá que a gente tira nosso sustento.

[Marcos]. Pescar é importante pro meu avô, pra minha avó, pra todo mundo lá em casa, porque é do mar que a gente tira o peixe pra comer e vender.

[Samuel]. O trabalho do pescador é muito importante, sem ele ninguém come peixe, camarão, caranguejo, não come nada que tem aqui.

[Adson]. O trabalho de pescador do meu avô é importante. Ele ganha dinheiro e dá pra comprar as coisas, roupa, comida, pra poder sustentar a nossa família.

O trabalho na concepção de Pistrak (2011) é uma atividade pedagógica, que deve proporcionar às crianças a auto-organização da vida social, a fim de criar a sua própria existência. Para as crianças da Amazônia bragantina o trabalho representa partilha de saberes e aprendizados, um significado valioso nos modos de vida na pesca artesanal, assume centralidade para elas, como forma de subsistência de suas famílias.

Na atividade da pesca artesanal envolvendo crianças, os adultos estão presentes, vários membros da família (pais, avós, tios e irmãos), que ensinam a atividade da pesca e da extração do caranguejo. É a partir de 11 (onze) e 15 (quinze) anos que os meninos são inseridos na pesca de alto mar, geralmente, na companhia dos responsáveis bem como, na iniciação da extração de caranguejos, são “saberes culturais construídos no cotidiano de famílias, [...] transferidos de pais para filhos e guardados cuidadosamente pelos pescadores” (DIEGUES, 2004, p. 232).

A relação estabelecida entre o trabalho e infâncias constrói a ação humanizadora do trabalho necessário a existência humana, deste modo, o trabalho como princípio educativo é criativo quando as crianças relacionam na prática social conteúdo e forma para a formação integral e humanista (GRAMSCI, 2011). É na articulação do conteúdo, os conhecimentos

científicos escolares entrelaçados ao trabalho intelectual e manual e dos aspectos do mundo cultural.

Assim, as crianças da Amazônia bragantina relacionam os conhecimentos escolares com os saberes culturais da pesca artesanal pelas dimensões do social, intelectual, cultural e político por meio da linguagem do saber escolar das ciências da Matemática, Geografia, História, Física e da linguagem oral e escrita, elas se aproximam do conhecimento científico na prática da pesca, quando modificam a natureza, ao tocar no peixe, na observação do tempo da mares, ao medir o tamanho do peixe e do caranguejo, mensuram, contam, imaginam, criam e dialogam com outras crianças. Assim, é manifestado o trabalho como princípio educativo no acesso do conhecimento teórico-prático e das formas de vida do trabalho consciente na organização do conteúdo escolar.

Os enunciados discursivos das crianças mostram a presença do discurso da pessoa adulta, quando os termos, “pequena” e “grande”, emergem de modo significativo nos enunciados infantis, definido à criança como um ser, ora pequeno, ora grande. Muitas vezes às crianças são vistas na sociedade como um ser não participante, uma forma de negar as infâncias. O adulto somente privilegia seus próprios discursos, negando o saber cultural de crianças.

As crianças da Amazônia bragantina revelam características que marcam as suas infâncias como o direito ao brincar, frequentar a Escola, mas outras crianças têm suas infâncias negada na submissão ao trabalho infantil. O trabalho ganha sentido nas discursividades de crianças e determinam seus processos de interação com o contexto pesqueiro do entorno da RESEX-MAR.

As vozes polifônicas apresentam o ser criança em comunidades campo-costeiro a Amazônia Bragantina no/pelo brincar. O brincar historicamente é uma ação da linguagem corporal, um elemento recorrente nos discursos de crianças, é uma ação que caracteriza e marca as infâncias e transita pela sociedade como manifestação das culturas infantis. O brincar aparece nas discursividades de crianças como liberdade, brincar no quintal, tomar banho de rio, comer frutas embaixo de árvores, subir em árvores frutíferas para apanhar manga, deve ser livre e promover prazer e divertimento. Para às crianças que brincam o trabalho infantil é limitador do tempo dos brincares.

Trabalho infantil, educação escolar no contexto costeiro-estuarino da Amazônia bragantina

As crianças enunciam a respeito do trabalho infantil como um fenômeno social perverso e tão presente em suas vidas, carregado de violência física, ainda visto de forma naturalizada pela sociedade capitalista, principalmente, na voz do adulto que acredita estar fazendo o melhor para elas. Souza (2014, p. 29) “ênfatiza que o trabalho de crianças e adolescentes, na sociabilidade do capitalismo, ainda é percebido pelo senso comum como capaz de tirá-las da condição da pobreza e como parte do seu processo formativo para a vida”. “Isso significa que a educação formal/escolar é considerada menos importante que a participação no trabalho produtivo direto”.

Na Escola do campo-costeio as crianças estão submetidas as várias formas do trabalho infantil no contexto pesqueiro e do lixão. No lixão se alimentam de restos, muitas vezes frequentam a sala de aula e devido o cansaço adormecem. Habitam moradias feitas de papelões amontoados na proximidade da montanha de entulho do lixo. No contexto da pesca artesanal enfrentam madrugadas para sair de barco e desengatar o azul no fundo do mar.

Para elas o trabalho infantil é reproduzido pelo discurso do adulto como algo bom, isso se dá pela falta de conhecimento e orientação de seus responsáveis, por não perceberem que essas atividades afetam o desenvolvimento pleno e limitam a constituição das culturas infantis. Ainda, o trabalho precoce é manifestado como obrigação naturalizada, na intenção de ajudar seus pais, mascarado pela responsabilidade de complementar a renda familiar.

Nas discursividades de crianças na esfera campo-costeiro da Amazônia bragantina, o trabalho é valorizado pelos responsáveis familiares em detrimento da educação escolar. Assim, aparece “como a melhor escola” para resolver os problemas sociais relacionados à pobreza de crianças de uma classe social, “recorrentemente é “priorizado em detrimento da formação escolar” (SOUZA, 2014, p. 163), ou seja, “carrega uma significação social e, mais precisamente, uma significação” da luta de classes (BAKHTIN, 2003, p. 254). Não promove aprendizado formal, refletindo limitações a respeito do domínio de leitura e escrita na escola, pois elas demonstram pouca familiaridade com a leitura e a escrita. O processo de apropriação da linguagem escrita assume, na Educação Básica, um papel fundamental na inserção das pessoas na cultura letrada, além de criar condições de apropriação dos “conceitos mais

elaborados” para o desenvolvimento de formas sociais de produção de conhecimento (SOARES, 2004, p. 74).

Na atividade do painel do trabalho indagamos a respeito do trabalho infantil realizados pelas crianças no contexto pesqueiro.

[João, 10 anos]. Eu espero o carro do lixo, daí cato coisas boas, a gente come e vende no ferro velho [...] em dinheiro uns oito reais na semana. (Crianças do 4º ano, 2018).

[Alana, 10 anos]. Eu trabalho no lixão todo dia e daí eu dormi na cadeira da sala de aula [...] tava com muito sono e cansado porque fiquei até de “noitão” catando coisa no lixo. [...] Uma vez meu pai esqueceu de mim no lixão, já era de noite, fiquei lá sozinho, “tava” tudo escuro, aí me deitei no chão com muito medo de visagem e fechei o olho [...] quando amanheceu, meu pai foi me buscar lá. (Crianças do 4º ano, 2018)

Pesquisadores. Por que você trabalha?

[Júlia, 9 anos]. Eu queria ser como aquelas crianças que ficam brincando e não trabalham, aí minha mãe diz que é para mim vender coisa pra ajudar ela [...]” (Criança do 4º, 2018).

[Maria, 9 anos]. [...] “Se eu não conseguir comida pra minha família, eles ficam com fome, porque meu pai não tem dinheiro pra comprar, então tenho que dá um jeito de tirar do lixão comida e por aí e levar pra eles [...]”. (Crianças do 4º, 2018).

[Demily, 11 anos]. Trabalho dentro de casa, daí eu faço tudo e só depois vou pra escola. (Criança do 3º e 4º Turma Multissérie, 2018).

[Ana Beatriz, 11 anos]. Eu trabalho as vezes de garçom junto com o papai. Eu nem sei quanto eu ganho, e o papai que ganha por mim, eu acho que é cinquenta reais [...]. (Criança do 3º e 4º Turma Multissérie, 2018).

[Davi, 11 anos]. Eu trabalho sim, carregando areia tijolo, ganho dinheiro ora. Eu ganho 30, 50 depende do serviço, eu dou uma parte pros meus avós. Eu trabalho todo dia, mas eu trabalho só depois da escola. (Criança do 3º e 4º, 2018).

[Clarice, 11 anos]. Eu trabalho de doméstica em casa. Não recebo nenhum dinheiro. (Criança do 3º e 4º Turma Multissérie, 2018).

[João Paulo, 9 anos] Daí eu trabalho na rua vendo chope. Eu não vendo no mês de julho por ser férias. (Criança do 4º, 2018).

[Samila, 11 anos]. Eu cuido da casa e de duas crianças. Muita vez eu estou cansada e com dor nas minhas pernetas. (Criança do 3º e 4º Turma Multissérie, 2018).

No discurso de crianças aparecem muitos conflitos na esfera da linguagem do campo-costeiro, pois os seus desejos são suprimidos pela obrigação e necessidade de trabalhar para conseguir dinheiro ou alimentos para sua própria sobrevivência. “O trabalho precoce de crianças constitui uma estratégia de subsistência de famílias em situação de vulnerabilidade social, os efeitos negativos na escolarização são acentuados”, o que pode contribuir para o fracasso escolar, aliados à situação de pobreza, agravados quando essa fragilidade apresenta carência das mínimas condições de estrutura social, tais como alimentação, saúde, lazer e moradia (SOUZA; OLIVEIRA; ALVES, 2018, p. 28).

Os enunciados de crianças revelam uma ideologia relacionada a esfera/campo como “totalidade das reflexões e interpretações da realidade social e natural que acontecem” nas discursividades humanas, “materializados por meio de palavras, desenhos, diagramas ou outras formas” de significações (BAKHTIN, 2003, p. 224). Nesse sentido, a educação escolar no discurso ideológico do adulto se manifesta como uma inter-relação da linguagem, em que a escola não é valorizada, por outro lado, as crianças manifestam a valorização da escola com a natureza; como um espaço social, cultural de muitas possibilidades para modificar o seu contexto social. Muitas vezes é o único espaço em que se sentem acolhidas.

A respeito do contexto escolar, perguntamos se as crianças gostam de frequentar a Escola e por quê?

[José, 9 anos]. A escola é legal, tem comida, brincadeiras e vou estudar muito e quando crescer vou ser um advogado. (Crianças do 4º, 2018).

[Cristal, 10 anos]: Na escola tem coisas boas, merenda, recreio, professoras, aí eu vou estudar pra poder ajudar meus pais a comprar um monte de “coisa” pra eles”. (Crianças do 4º, 2018).

[Carlos, 10 anos]. Eu gosto e não as vezes não da escola. Eu falto muito na escola pra vender pastel. [...] não sei ler nem escrever. Não gosto quando a professora me chama para escrever no quadro. (Crianças do 4º, 2018).

[Oscar, 9 anos]. A escola é para aprender, aí eu não sei muita coisa de escrever e lê, eu tô estudando porque quero ser médica, eu sempre falo pros meus pais que vou comprar uma casa bem bonita pra gente. (Crianças do 4º, 2018).

A Escola é indicada pelas crianças como um espaço de socialização, sobretudo, para alimentação, elas criticam a prática pedagógica de professores que as chamam para escrever na lousa, geralmente, essa atividade consistia em dizer uma palavra aleatória para que elas escrevessem no quadro. Essa ação aconteceu com muita frequência durante a observação participante da pesquisa. Para as crianças é constrangimento ir ao quadro quando ainda não dominam o código linguístico.

Para as crianças, o trabalho infantil causa cansaço e desânimo para frequentar a escola, uma rotina arriscada, que afeta os aspectos sociais, físicos e psicológicos originados, no domínio de signo ideológicos pelo medo e danos à saúde. A realidade é objetiva dos signos” (BAKHTIN, 2009, p. 36) e expressa na voz da criança [Júlia, 9 anos]. “Eu não vou parar de estudar porque eu quero comprar uma casa bem grande pra minha família [...]. Eu quero

aprender ler” (Crianças do 4º, 2018), uma vez que o trabalho infantil é um fenômeno que limita o processo de aquisição das práticas de leituras na realidade concreta de crianças.

A leitura e a escrita segundo Souza (2009, p. 56) deve ser apresentada como objetivo central nos projetos pedagógicos de Escolas priorizando a diversidade cultural de crianças, “organizado em torno da leitura integrado as atividades que envolve ler para compreender e aprender a ler, o que for relevante para o desenvolvimento de alguma outra atividade, conceito, valor, informação”. Para Kleiman (2005, p. 55-56) “um projeto organizado em torno da leitura visa o ensino da escrita e dos conteúdos por meio de uma prática social, inserida em situações relevantes do cotidiano do aluno”.

Sendo assim, a escola tem a função essencial no processo de aquisição de conhecimentos dos alunos, que ao se concretizar com as práticas pedagógicas de professores, criam pontes para o aprendizado das crianças de forma significativa, considerando suas peculiaridades e vivenciando sua realidade, tendo em vista o seu desenvolvimento pleno e aprendizado escolar visando a prática da vida social e sua emancipação.

Conclusão

Para as crianças da Amazônia bragantina o trabalho infantil assume um conteúdo alienante e não tem relação com o conceito de trabalho como princípio educativo, tendo efeito contrário aos processos de humanização. Manifesta o discurso ideológico atravessado pela pedagogia do capital que reproduz o trabalho de crianças como atividade educativa de origem trabalhadora. Aparece como causador de um sofrimento patológico e de alienação, como contrário a uma formação humana ampla e ao trabalho organizador da vida social.

A linguagem é constituidora de discursividades na pesca artesanal e o trabalho se mostra como princípio educativo que acontece na prática da atividade da pesca e na interação com o adulto e outras crianças.

Ainda, que as crianças no contexto campo-costeiro manifestem o sentido da valoração dos signos ideológicos nas interações da linguagem a respeito do trabalho e das infâncias, também desenvolvem autonomia, elaboram significações sobre o mundo, compartilham experiências do seu universo infantil, entre crianças-crianças \ crianças-adultos / crianças-brincades e manifestam o trabalho no sentido duplo - como auto-organização da vida humana

e na forma de exploração da força infantil. Na lógica capitalista o trabalho infantil tem uma pedagogia a fim de inculcar a formação de um ser humano moldado aos interesses do capital.

Conhecer as crianças, sujeitos centrais da pesquisa, moradoras de comunidades pesqueiras situadas no entorno de manguezais exigiu, o desprendimento de ser adulto e o adentrar em uma esfera-campo diferenciada, reconhecendo as singularidades dos modos de vida de crianças da Amazônia Bragantina, no reconhecimento de infâncias, do tempo do brincar e da riqueza de brincadeiras recriadas por elas.

A maior riqueza desta pesquisa se mostra na permissão de nós, adultos escutar o que as crianças da Amazônia bragantina têm a dizer do contexto pesqueiro, do trabalho infantil nesses locais e dos modos de vidas como base constituidora de suas culturas infantis. Além de reflexões sobre a Escola, o currículo escolar e na forma de se denunciar o trabalho infantil na vida de crianças da classe trabalhadora com menos privilégio econômico. O trabalho infantil como um fenômeno social e político, reproduz a pobreza é uma porta para outras formas de violências de diversos aspectos; como violência física, risco a saúde, cooptação pelo crime e uso de drogas, abuso sexual entre outras vulnerabilidades.

É preciso que as Escolas da Amazônia bragantina movimentem um currículo que atenda as especificidades de crianças do campo-costeiro, sobretudo, para a situação de crianças em condição de trabalho infantil nessas esferas, por ser um fenômeno causador de sofrimento, um trabalho alienante que provê as suas carências.

Referências

ABDALA, G; SARAIVA, N; WESLEY, F. *Plano de Manejo da Reserva Extrativista Caeté-Taperaçu*. V. I - Diagnóstico da Unidade de Conservação. Brasília: ICMBio. 109 p. 2012.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4^a edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13^a edição. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. 5^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BRASIL. *Constituição da República Federal do Brasil*, 05 de outubro de 1988. Imprensa Oficial, Brasília, DF, 1988.

BRSASIL. *Lei Federal nº 8.069, que rege o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA*, criado em 13 de julho de 1990 Brasília, DF, 1990.

DIEGUES, A. C. *A pesca construindo sociedade: sociedades leituras em Antropologia Marítima e Pesqueira*. São Paulo: Nupaub-USP, 2004.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Cadernos do cárcere*. Volume 2; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; coedição, Luiz Sérgio Henriques e marco Aurélio Nogueira. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

KLEIMAN, Â. B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?* Ministério da Educação. Brasília, 2005.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política: livro I*. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. 27ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

OLIVEIRA, M. do V; MANESCHY, M. C. A. Territórios e territorialidades no extrativismo de caranguejos em Pontinha de Bacuriteua, Bragança, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 9, n. 1, p. 129-143, jan.-abr. 2014.

OLIVERIA, Z. R. de M. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PISTRAK, M. M. *Fundamentos da escola do trabalho*. Tradução de Daniel Aarão Reis Filho - 3. ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SAVIANI, D. Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.

SOARES, M. B. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Orgs). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 5. Ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série fundamentos).

SOUZA, A. P. V. e. As Culturas Infantis no Espaço e Tempo do Recreio: Constituindo Singularidade Sobre a Criança. 2009. 166 f. *Dissertação de Mestrado em Educação* - Universidade Federal do Pará, Ciências da Educação, Belém, 2009.

SOUZA, A. P. V. e. Trabalho Infantil: Uma análise do discurso de crianças e de adolescentes da Amazônia paraense em condição de trabalho. 2014. 195 f. *Tese de Doutorado em Educação* - Universidade Federal do Pará, Ciências da Educação, Belém, 2014.

SOUZA, A. P. V. e; OLIVEIRA, F. P. de; ALVES, A. N. Discurso De Crianças Em Situação De Vulnerabilidade Social Entre Escola, Lixão E Trabalho Infantil. *Nova Revista Amazônica*. ISSN: 2318-1346, v. 6, n. 3. p. 53- 66, setembro de 2018.

SOUZA, A. P. V. e. Experiências de exploração do cotidiano. In. PINHO, M. S; OLIVEIRA, M. R. F. de; GALVÃO, R. M. S. (Org.) *Brincar, criar e inovar: refletindo o currículo e as práticas educativas na educação infantil*. São Paulo, Pedro & João Editora, 2018.

SOUZA, A. P. V. e. *Trabalho Infantil: uma análise do discurso de crianças e de adolescentes da Amazônia paraense em condição de trabalho*. Editora Dalcídio Jurandir, IOEPA, Belém, Pará, 2020.

Notas

¹. Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu (RESEX-MAR) é uma área costeira de aproximadamente 42.000 hectares, banhada pelo Oceano Atlântico e pertence ao Município de Bragança-PA. É uma reserva com maior área contínua de floresta de manguezais e mais preservada do Brasil (SARAIVA, ABDALA, WESLEY, 2012).

². Filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e das artes (1882-1975).

³. Pesquisa faz parte do Relatório do Pós-doutoramento, na Universidade Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2020. ⁴. Carta Magna de 1988; Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990.

⁵. A pesquisa foi realizada entre agosto de 2018 e julho de 2019, na Pontinha do Bacuriteua, Vila do Bacuriteua em Bragança-PA, localidade situada às margens da Rodovia PA-458, estrada que dá acesso à praia de Ajuruteua, situada no entorno da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu (RESEX-MAR).

⁶. Armadilha confeccionada artesanalmente para a captura especificamente de siri. Consiste em uma armação redonda de ferro, amarrado a uma rede ou tela de náilon, formando um funil onde o siri ficará preso ao tentar capturar isca. É necessário ainda fixar a chumbada para que a armadilha não se desloque do fundo do Rio.

⁷. Instrumento de pesca construído artesanalmente para a captura de peixes e siri. Consiste em uma armação de madeira retirada do próprio ecossistema de manguezais, agrupadas por meio de amarrações apresentado pequenos espaçamento entre uma madeira e outra. Possui formato cilíndrico e nas suas extremidades existem uma pequena abertura na qual entraram os peixes e siri. Quando o animal adentra o cilindro por uma das extremidades para alimentar-se da isca que é disposta em seu interior, ele não consegue mais sair da armadilha. É necessário fixar o instrumento no tijuco para que a força da correnteza não o desloque, causando a sua perda.